

This story is brought to you by Ririro.com for free. Our mission is to give all children in the world free access to a variety of stories. The stories can be read, downloaded and printed online and cover a wide range of topics, including animals, fantasy, science, history, diverse cultures and much more.

Support our mission by sharing our website. We wish you a lot of fun reading!



Ririro

IMAGINATION OVER KNOWLEDGE

Ririro

O ladrão de morango

O sol do meio-dia brilhava intensamente enquanto duas crianças corriam alegremente pela encosta íngreme e gramada que levava da pequena aldeia à floresta vizinha. Suas roupas largas e escassas deixavam a cabeça, o pescoço e os pés nus. Mas isso não as incomodava, pois os raios do sol beijavam seus pequenos membros redondos e as crianças gostavam de sentir seus beijos quentes.

Eles eram irmão e irmã; cada uma carregava um potinho para encher de morangos, que a mãe vendia na cidade. Eram muito pobres, quase as pessoas mais pobres da aldeia. A mãe deles, uma viúva, tinha que trabalhar muito para comprar pão para si e para os filhos.

Quando os morangos ou nozes estavam na estação, ou mesmo as primeiras violetas, as crianças iam à floresta procurá-los e, com as frutas ou flores que colhiam, ajudavam a ganhar muitas moedas. As crianças felizes corriam alegremente como se fossem os governantes do belo mundo que se estendia tão sedutoramente diante delas. Os morangos da floresta ainda eram escassos e alcançariam um alto preço na cidade; é por isso que começaram tão cedo à tarde, enquanto outras pessoas ainda descansavam em seus quartos frescos.

Nas profundezas da floresta havia muitos lugares, bem conhecidos das crianças, onde grandes maciços de pés de morango cresciam e florescia, cobrindo o chão como

um luxuoso tapete. Flores brancas semelhantes a estrelas em profusão apareciam maliciosamente fora da ampla folhagem; os pequenos morangos verdes e vermelho-vivos estavam ali em abundância, mas a fruta madura, vermelho-escura, era difícil de encontrar.

O trabalho prosseguia muito lentamente e, à medida que os tesouros reunidos em seus pequenos jarros cresciam em pilhas cada vez mais altas, o sol se punha cada vez mais baixo. Ocupadas com sua tarefa, as crianças esqueceram o riso e a tagarelice; elas não provaram nenhuma das adoráveis frutinhas, mal olharam para as violetas e anêmonas; os raios do sol espiando por entre os galhos, os besouros e as borboletas eram igualmente ignorados.

“Lorchen”, exclamou Fried, por fim, jogando para trás o rosto queimado de sol e aquecido; “olha, Lorchen, meu jarro está cheio!”

Lorchen ergueu os olhos, o rosto corado; sua pequena jarra estava meio cheia. Oh, como ela invejava o jarro cheio do irmão! Fried era um bom menino — ele amava muito sua irmãzinha. Ele a fez sentar na grama macia, colocou sua jarra ao lado dela e não parou de trabalhar até que a jarra de Lorchen também estivesse cheia. O trabalho do dia deles havia terminado. Mas era tão bonito na floresta. Os pássaros cantavam alegremente entre as folhas, tudo exalava a fragrância da noite orvalhada que rastejava lentamente entre os galhos trêmulos.

A pouca distância, um pequeno trecho de prado brilhava por entre as árvores. A luz do sol forte ainda repousava

sobre a grama verde e fresca, e milhares de narcisos, campânulas, rosas e miosótis desdobravam suas belezas variadas. Era um local agradável para as crianças brincarem. Eles correram para lá, colocaram seus potes cuidadosamente atrás de um grande tronco de árvore e logo esqueceram o trabalho duro da tarde em uma brincadeira alegre. As sombras ficaram mais acinzentadas, mais perto o crepúsculo da noite velava a floresta solitária. Então o irmão e a irmã pensaram em voltar — o descanso fortaleceu seus membros cansados, e sua brincadeira no prado florido as deixou contentes e alegres.

Agora o orvalho que molhava seus pés descalços e a fome que começava a se fazer sentir, os incitava a voltar para casa. Eles correram para a árvore atrás da qual haviam colocado seus potes, mas os jarros haviam desaparecido. A princípio, as crianças pensaram que haviam se enganado de lugar; elas procuraram mais longe, atrás de cada tronco, atrás de cada arbusto, mas nenhum vestígio dos jarros puderam encontrar.

Eles haviam desaparecido, juntamente com os preciosos frutos. O que a mãe deles diria quando voltassem para casa, com a tarefa não cumprida? Com o preço dos morangos ela pretendia comprar farinha para fazer pão. Eles estavam quase sem pão há vários dias e agora não tinham nem mesmo os potes para colher outras frutas. Lorchen começou a soluçar alto; O rosto de Fried ficou vermelho de raiva e seus olhos brilharam, ele não chorou. A escuridão aumentava, os troncos das árvores pareciam negros e espectrais, o vento farfalhava nos

galhos. Quem poderia ter roubado seus morangos? Ninguém havia chegado perto do Prado. Esquilos e lagartos não conseguiam carregar potes. As pobres crianças ficaram indefesas ao lado do velho tronco da árvore. Elas não podiam voltar para a mãe de mãos vazias; elas temiam que ela ficasse com raiva delas por terem perdido seus potes de vista.

A menina estremeceu em seu vestido fino e chorou de medo, fome e cansaço. Fried pegou a mão da irmãzinha e disse: "Ouça, Lorchen: você precisa correr para casa, já é noite na floresta. Diga a mamãe que nossos potes desapareceram, coma seu jantar e vá para a cama e durma. Ficarei aqui e procurarei atrás de cada árvore e em todos os lugares, até encontrar os potes. Não estou com fome nem cansado, e não tenho medo de passar a noite sozinho na floresta, apesar de todas as histórias que nossa avó costumava contar sobre espíritos malignos na floresta, duendes que provocam crianças, os fogos-fátuos e demônios da montanha que guardam seus tesouros sob a terra.

Lorchen estremeceu e olhou em volta com medo. Envolvendo os bracinhos no avental, ela chorou amargamente.

"Venha para casa comigo, Fried", implorou ela. "Tenho medo de atravessar a floresta sombria sozinha!"

Fried pegou a mão dela e foi com ela até que avistaram as luzes do vilarejo. Então ele parou e disse: "Agora corra sozinha; veja, há uma luz acesa na janela de nossa mãe. Voltarei, não posso voltar para casa de mãos vazias".

Ele se virou rapidamente para a floresta. Lorchen esperou um momento e gritou: "Fried, Fried!" Então, sem receber resposta, ela fugiu rapidamente pela encosta gramada que havia descido tão alegremente algumas horas antes.

A mãe, que ficara inquieta com a longa ausência, estava parada na porta quando Lorchen voltou, chorando e sem fôlego. Pobre criança, ela mal tinha forças para dizer que eles haviam perdido morangos e potes e que Fried havia ficado para trás.



A mãe ficou triste enquanto ouvia — ela quase não tinha mais pão e não sabia quando poderia comprar mais; mas Fried permanecer na floresta era pior do que tudo, pois ela, como todos os aldeões, acreditava firmemente em hobgoblins. Tristemente ela se deitou para descansar ao lado de sua filhinha.

Fried correu cada vez mais para dentro da floresta, através de cuja espessa folhagem as estrelas olhavam timidamente. Ele fez sua oração da noite e não temeu mais o farfalhar das folhas, o estalar dos galhos ou o sussurro do vento noturno nas árvores. Logo a lua apareceu e ficou clara o suficiente para Fried procurar seus potes. Em vão foi sua busca — as horas se passaram e ele não encontrou nada. Por fim, ele viu uma

pequena montanha coberta de arbustos. Então a lua se escondeu atrás de uma nuvem espessa e tudo ficou escuro. Cansado, Fried afundou atrás de uma árvore e quase adormeceu. De repente, ele viu uma luz brilhante movendo-se perto da montanha. Ele saltou e correu em direção a ela.

Aproximando-se, ele ouviu um barulho peculiar, como de gemidos proferidos por um homem envolvido em trabalho pesado. Ele rastejou suavemente para a frente e viu, para sua surpresa, um pequeno gnomo, que estava tentando empurrar algum objeto pesado para um buraco, que aparentemente conduzia à montanha. O homenzinho usava um casaco prateado e um gorro vermelho com pontas, ao qual estava presa a luz maravilhosa, uma grande pedra preciosa cintilante.

Fried rapidamente ficou logo atrás do gnomo, que em sua ânsia não havia notado a aproximação do menino, e viu com indignação que o objeto que o homenzinho se esforçava tanto para enfiar no buraco era seu pote de morangos. Furioso, Fried agarrou um galho próximo e deu um forte golpe no homenzinho. Então o gnomo soltou um grito muito parecido com o guincho de um camundongo e tentou rastejar para dentro do buraco.



Mas Fried segurou-o pelo casaco prateado e perguntou com raiva onde ele havia colocado seu outro pote de morangos. O gnomo respondeu que

não tinha outra jarra e se esforçou para se livrar das garras do pequeno gigante.

Fried agarrou novamente seu galho, o que deixou o gnomo tão apavorado que ele gritou: "A outra jarra está dentro; vou buscá-la para você.

"Eu esperaria muito tempo", disse Fried, "se eu deixasse você escapar; não, irei com você e trarei minha própria jarra.

O gnomo deu um passo à frente, a luz em seu gorro brilhando mais forte do que a vela mais forte. Fried o seguiu, com a jarra em uma das mãos e o galho na outra. Assim eles viajaram para longe na montanha. O gnomo se arrastava como um lagarto, mas Fried, cuja cabeça quase tocava o teto, não conseguia se virar facilmente.

Por fim, acordes de uma música adorável ressoaram pelas passagens: um pouco mais adiante, sua jornada foi interrompida por uma parede de pedra cinza. Tirando um martelo de prata de seu gibão, o pequeno gnomo deu três fortes batidas na parede; e, quando ela se abriu, uma tal inundação de luz fluiu que Fried teve que fechar os olhos. Meio cego, com a mão protegendo o rosto, ele seguiu o gnomo, a porta de pedra fechada atrás deles, e Fried estava nas moradas secretas dos gnomos.

Um murmúrio de vozes suaves, misturadas com os doces acordes da música, soou em seus ouvidos. Quando ele conseguiu tirar a mão dos olhos, viu uma visão maravilhosa. Um belo e elevado salão, escavado na rocha, estendia-se diante dele; nas paredes brilhavam milhares

de pedras preciosas, como as que seu guia usava em seu boné. Elas serviam em vez de velas e irradiavam um brilho que quase cegava os olhos humanos.

Entre eles pendiam grinaldas e ramos de flores como Fried nunca havia visto antes. Multidões de pequenos gnomos maravilhosos o observavam cheios de curiosidade.

No centro do salão havia um trono de pedra verde transparente, com almofadas de cogumelos macios. Nela estava sentado o Rei-gnomo; em volta dele estava jogado um manto dourado e em sua cabeça uma coroa cortada de um carbúnculo flamejante. Diante do trono, o gnomo, guia de Fried, estava relatando sua aventura.

Quando o gnomo parou de falar, o Rei levantou-se, aproximou-se do menino, que ainda estava parado na porta, cercado pelos gnomos, e disse: "Criança humana, o que o trouxe à minha morada secreta?"

"Meu Senhor gnomo", respondeu Fried educadamente, "desejo meus morangos que aquele gnomo roubou. Peça-lhe que os devolva para mim e depois me deixe ir para que eu possa ir para casa, para minha mãe.

O Rei pensou por alguns instantes, então disse: "Ouça, hoje temos uma grande festa, para a qual seus morangos são necessários. Vou, portanto, comprá-los. Eu também permitirei que você fique conosco por um curto período de tempo, então meus servos o conduzirão de volta à entrada da montanha.

"Você tem dinheiro para comprar meus morangos?" perguntou o menino.



“Criança tola, você não sabe que o ouro, a prata e o cobre saem da terra? Venha comigo e veja minhas câmaras de tesouro.

Assim dizendo, o Rei o conduziu do salão através de salas compridas, nas quais montanhas de ouro, prata e cobre estavam empilhadas; em outras salas jaziam como massas de pedras preciosas.

Eles chegaram a uma gruta, no centro da qual havia um grande vaso. Deste vaso jorraram três riachos brilhantes, cada um de uma cor diferente: eles fluíram da gruta e descarregaram-se nas veias das rochas. Ao lado desses riachos ajoelhavam-se gnomos, enchendo baldes com o fluxo de ouro, prata e cobre, que outros gnomos carregavam e guardavam nas câmaras do tesouro do rei. Mas a maior quantidade fluíu para as fendas da montanha, de onde os homens a desenterraram com muito trabalho.

Fried gostaria de encher os bolsos com os metais preciosos, mas não ousou pedir permissão ao Rei-gnomo. Eles logo retornaram ao salão onde o banquete foi preparado. Em uma longa mesa de mármore branco havia fileiras de pratos dourados cheios de várias guloseimas, preparadas com os morangos de Fried. Ao

fundo sentavam-se os músicos, abelhas e gafanhotos, que os gnomos haviam apanhado na floresta. Os gnomos comiam em pratinhos de ouro e Fried comia com eles. Mas os pedaços eram tão pequenos que derretiam em sua língua antes que ele pudesse prová-los. Depois do banquete veio a dança. Os homens-gnomos eram velhos e enrugados, com rostos como raízes de árvores; todos usavam casacos prateados e gorros vermelhos. As donzelas gnomos eram altas e majestosas, e usavam coroas de flores na cabeça que brilhavam como se estivessem molhadas de orvalho. Fried dançou com eles, mas como suas roupas eram tão pobres, sua parceira pegou uma coroa de flores da parede e colocou em sua cabeça. Ficou muito bonito em seu cabelo castanho brilhante — mas ele não podia ver isso, pois os gnomos não têm espelhos. As abelhas zumbiam e zumbiam como flautas e trombones, os gafanhotos cantavam como violinos.

A dança terminou, Fried se aproximou do rei, que estava descansando em seu trono verde, e disse: "Meu senhor rei, tenha a bondade de pagar por meus morangos e me guie para fora da montanha, pois é hora de voltar para a minha mãe."



O rei acenou com sua coroa de carbúnculo e, envolvendo-se com seu manto de ouro, partiu para buscar o dinheiro. Como Fried se alegrou com a ideia de levar aquele dinheiro para casa! Muito cansado, ele subiu no trono, sentou-se na almofada macia de cogumelo da qual o rei-gnomo acabara de se levantar e, antes que o monarca voltasse, Fried dormia como um arganaz. O dia estava amanhecendo na floresta quando ele acordou. Seus membros estavam rígidos e seus pés descalços gelados. Ele esfregou os olhos e se espreguiçou. Ele ainda estava sentado sob a árvore de onde, na noite anterior, vira a luz se mover. "Onde estou?" ele murmurou; depois lembrou-se de ter adormecido na almofada de cogumelo do Rei-gnomo. Lembrou-se também do dinheiro que lhe haviam prometido e apalpou os bolsos — estavam vazios. Sim, ele se lembrava de tudo. Esta era a manhã em que sua mãe deveria ter ido à cidade, e ele não tinha morangos nem dinheiro. Lágrimas escorriam de seus olhos, e ele insultou os gnomos que o carregaram dormindo da montanha, e roubaram seu dinheiro. Levantando-se tristemente, ele foi para a montanha, mas embora procurasse longa e cuidadosamente, não conseguiu encontrar nenhuma abertura.

Não havia nada a fazer senão voltar para casa, e isso ele fez com o coração pesado. Ninguém estava se mexendo quando ele chegou à aldeia. Delicadamente, ele bateu na persiana do quarto onde sua mãe dormia.

"Acorde, mãe", ele gritou.

Rapidamente a porta da casinha se abriu.

“Graças a Deus você voltou”, disse sua mãe, abraçando-o. “Mas nada aconteceu com você a noite toda sozinho na floresta?”

“Nada, mãe”, respondeu ele; “Eu só tive um sonho tolo sobre os gnomos que moram na montanha.”

E enquanto sua mãe acendia o fogão, Fried relatou seu sonho. Ela balançou a cabeça ao ouvir isso, pois acreditava que seu filho realmente tinha visto e ouvido essas coisas maravilhosas.

Então Lorchen entrou e sua mãe disse a ela para abrir as venezianas. A criança obedeceu, mas ao entrar novamente na sala, ela gritou alto e colocou as mãos na cabeça do irmão.

Algo pesado e brilhante caiu no chão. Eles pegaram. Era a coroa de flores multicoloridas que a parceira de Fried lhe dera no baile. Mas as flores não eram como as que crescem nos campos e prados: eram frias e brilhantes, como aquelas que adornavam as paredes do salão da montanha e que as donzelas-gnomas usavam em seus cabelos.

Agora estava claro que Fried havia realmente passado a noite com os gnomos. Todos pensaram que as flores eram apenas vidro colorido; mas como elas brilhavam tão intensamente e enchiam a cabana com um esplendor indescritível, a mãe decidiu pedir conselhos sobre elas. Ela, portanto, quebrou um pequeno galho da coroa e levou-o para a cidade a um ourives, que lhe disse, para seu grande espanto, que o galho era composto das gemas mais caras, rubis, diamantes e safiras. Em troca,

ele deu a ela um saco de ouro tão pesado que ela mal conseguiu carregar para casa.

A necessidade estava agora no fim para sempre, pois a coroa era cem vezes mais valiosa do que o pequeno galho. Grande alvoroço reinou na aldeia quando a boa sorte da viúva foi divulgada, e todos os aldeões correram para a floresta em busca do maravilhoso buraco. Mas sua busca foi vã — ninguém jamais encontrou a entrada da montanha. A partir de então, a viúva e seus filhos viveram muito felizes; eles permaneceram piedosos e trabalhadores apesar de sua riqueza, fizeram o bem aos pobres e ficaram contentes até o fim de suas vidas.